

“RI-SE-TE NOS OLHOS A ESTRANHEZA DUM CÉU QUE NÃO É TEU”

**Apontamentos das intervenções de Davide Prospero e Julián Carrón
na Jornada de Início de Ano dos adultos e dos estudantes universitários de CL.
Mediolanum Forum, Assago (Milão), 26 de setembro de 2015.**

JULIÁN CARRÓN

Peçamos ao Espírito que desperte em nós tamanha afeição a Cristo, tamanho apego a Ele, que possamos testemunhá-Lo em todas as veredas da nossa vida.

Oh! vinde, Espírito Criador

*La mente torna
I wonder as I wander*

DAVIDE PROSPERI

Sejam todos bem-vindos a este gesto com que iniciamos um novo ano juntos. Cumprimento também todos os amigos que, nas várias cidades de Itália e no exterior, estão conectados para viver juntos este gesto.

“O dia mais belo da semana é a segunda-feira, porque às segundas-feiras se recomeça, recomeça o caminho, o desígnio, recomeça a atuação da beleza, da afeição” (L. Giussani, *Dal temperamento un metodo*, Milão: BUR, 2002, p. 31). Esta frase de Dom Giussani diz o motivo pelo qual nunca nos cansamos de recomeçar, porque estamos mais apegados a esta beleza do que a qualquer outro interesse, e por isso pedimos à nossa grande companhia que nos ajude a não perder o ânimo, de modo a que cresça dia após dia, ano após ano, a nossa afeição à nascente da beleza.

Nos Exercícios de 1964 em Varigotti, Dom Giussani dizia: “Nós devemos lutar pela beleza, porque sem a beleza não se vive. E esta luta deve ser levada a cabo por cada indivíduo, caso contrário como conseguiremos, um dia, encher a Praça de São Pedro?” (cf. L. Amicone, “Il 25 aprile di Rimini”, *Tempi*, n. 28, 2004, p. 20). No último dia 7 de março nós enchemo-la, aquela praça. Pedimos um encontro ao Papa para perguntar como manter aquela frescura do início, que é decisiva para que o nosso Movimento continue a ser útil à Igreja e ao mundo. Qualquer um de nós, julgo eu, está aqui porque considera que esta experiência é válida para a sua própria vida. Mas como é que se pode ser cada vez mais útil à Igreja e assim servir a glória de Cristo no mundo? O Papa respondeu-nos, confiando-nos uma tarefa, como bem nos lembramos: “Centrados em Cristo e no Evangelho, podem ser braços, mãos, pés, mente e coração de uma Igreja ‘em saída’” (Francisco, *Discurso ao Movimento de Comunhão e Libertação*, 7 de março de 2015).

E Carrón retomou a ideia, nos Exercícios da Fraternidade: “Em que é que podemos reconhecer esta presença? Do facto de que ela nos descentra das nossas reduções, das nossas distrações, para nos reconduzir ao centro, Cristo. (...) O cristianismo é sempre um acontecimento” (*Uma presença no olhar*, p. 34). Devemos dar-nos conta de que isto aponta uma direção, ou seja, é preciso “recentrar-nos” sobre a primazia do acontecimento, reabrir-nos sempre de novo a Cristo como acontecimento que aconteceu na história passada e que acontece no presente de maneiras sempre novas, que nós somos chamados a seguir. Vimo-lo no último Meeting. O método que Deus usa para entrar na história é o de uma livre escolha: a escolha de um homem, Abraão. No meio da multidão de homens que tentam dar um nome ao Mistério, um só homem é escolhido pelo Mistério e chamado pelo nome, “Abraão...”

para que possa tratá-lo por Tu, tal como um filho trata o seu pai por tu. Este mesmo método descreve a nossa história.

Com efeito, uma das coisas que me impressiona no Movimento é como tudo teve início. Podemos lê-lo no livro de Savorana (*Vita di don Giussani*, Milão: BUR, 2014). Há muitos anos atrás, um rapazinho começou a sentir um aperto no coração para que a sua vida não fosse inútil. Não sabia, não imaginava como poderia ser útil, mas a única coisa que sabia com certeza era que não queria viver inutilmente; que qualquer coisa que o Senhor lhe pedisse, ele daria tudo de si para que sua vida pudesse ser útil ao mundo, útil ao Seu desígnio. E eu digo: reconheço-me – reconheço-me –, eu também sinto esse aperto! Mas esta coisa que todos temos dentro de nós, a maioria das vezes não é levada a sério a ponto de se dizer: “Dou a vida, toda a minha vida por isto”. E, no entanto, hoje nós estamos aqui porque este rapazinho se tornou homem, e depois velho, e permaneceu toda a vida fiel a esse aperto no coração, aliás, fiel a Quem lhe indicou o caminho para realizar esse seu desejo. O carisma que arrebatou este homem e gerou um povo dentro da vida da Igreja levou-o para o mundo; e a nós, que fomos preferidos, porque não nos era devido encontrar aquilo que encontramos e que tantos não conhecem; a nós que vimos, a nós que fomos escolhidos, que, por assim dizer, vimos os traços inconfundíveis do rosto de Cristo através do testemunho tão persuasivo de uma companhia humanamente decisiva e pacificadora para a vida; a nós, a quem foi dado fazer experiência de Cristo como uma atração invencível, nós fomos escolhidos para o mundo. A nós foi-nos dada esta experiência de conhecimento, para comunicarmos a sua beleza a todos. Senão, que sentido teria a preferência? Seria uma injustiça.

O cego de nascença causa-me sempre a mesma comoção. Este desgraçado olhava para si mesmo como o olhavam todos: ele era “o seu” mal. Uma vida sem esperança. E, como ele, havia muitos; e todos eles, como ele, se olhavam a si mesmos do mesmo modo, de acordo com uma certa visão difundida no judaísmo de então: punidos no físico porque maus, impuros por dentro, pecadores! Mas aquele homem escolheu-o naquele dia, e o cego recuperou a visão; e, interrogado pelos mestres e pelos sábios, respondeu: “Eu só sei que antes não via e que agora vejo, vejo a realidade, não só a física, mas vejo a verdade de mim, daquilo que eu sou. Eu não sou o que dizeis vós, sou aquilo que vi resplandecer no olhar daquele homem que me fixava, que olhava justamente para a mim, para o nada que sou, que me olhava com amizade”. Naquele dia, foi escolhido justamente ele para que, através da sua mudança, pudesse resplandecer a glória de Cristo, para que os outros como ele também conhecessem a verdade de si e do mundo, de tudo, e assim fossem libertados. De Abraão em diante, Deus usou sempre este método, e nós somos da mesma estirpe. Por isso, a nossa vida torna-se útil se se vive para o propósito para o qual fomos escolhidos, como disse um pai no funeral de seu filho de três anos, que morreu devido a um tumor: “Para o santinho, escolhemos esta frase que bem o descreve: ‘O importante na vida não é fazer alguma coisa, mas nascer e deixar-se amar’”.

Repensando um pouco no ano transcorrido, a partir do juízo sobre a Europa e sobre o colapso das evidências – lembramo-nos bem –, a nossa iniciativa nasce daquela pergunta de Giussani: na situação em que nos encontramos, ainda é possível comunicar Cristo com aquele fascínio, com aquela persuasão de razão e de afeição que nos tomou?

No Meeting, tivemos muitíssimos encontros com testemunhas da fé, bem como outros encontros surpreendentes, talvez inesperados, como encontram bem documentado na *Tracce* de setembro.

Eu perguntei-me: o que impressiona a quem encontra uma coisa assim? Por que é que as pessoas ficam impressionadas? Porque pode dizer-se, como fez Pietro Modiano, por exemplo, que “só pelo facto de que exista um lugar [...] em que se podem pôr questões do género”, ou seja, perguntas verdadeiras, “é que, vindo de longe, já não me sinto distante” (*Tracce*, n. 8, 2015, p. 12). Isto fala do fundamento de um espanto.

Aquilo que uma pessoa encontra é um sujeito diferente, um povo rico de identidade e de história, e então encontra uma proposta. Pode agradar ou não agradar a quem nos encontra, mas o fascínio de uma presença original está na proposta daquela experiência viva que tenta medir-se com todos os aspectos e os interesses do humano. Vimo-lo, por exemplo, quando distribuimos o manifesto sobre as eleições, *Ripartire dal basso*, propondo em relação à crise de ideais que caracteriza o nosso país a redescoberta de que o outro é um bem, e não um obstáculo a superar, para a plenitude do nosso eu, tanto na política como nas relações humanas e sociais.

E então percebe-se que a abertura sem limites, que caracteriza o diálogo no sentido cristão, traz consigo uma implicação irrenunciável: não pode ser verdadeiro diálogo, senão na medida em que eu carrego a consciência da minha identidade. Este é o método com que entramos na comparação com tudo. O diálogo verdadeiro implica a minha maturidade na consciência de mim mesmo. Em *Educar é um risco*, Dom Giussani diz que, sem esta maturidade na minha autoconsciência, “eu ficarei bloqueado pela influência do outro, ou então, o outro que eu rejeito provocará um endurecimento irracional na minha posição. Portanto, é certo que o diálogo implica uma abertura ao outro, (...) mas (...) também implica a minha maturidade, uma consciência crítica daquilo que sou» (*Educar é um risco*, Diel, Lisboa 2006, p.121). Por isso, em muitas ocasiões nestes anos, voltamos a duas preocupações fundamentais para a construção de uma sociedade nova, como hipótese oferecida a todos: 1) a comunidade cristã, na medida em que é guiada, é o lugar em que se descobre pouco a pouco como Cristo responde às perguntas da vida, fazendo crescer a intimidade com a verdade, à qual hoje pareceria quase impossível aspirar; 2) esta intimidade certa com a verdade que se encontrou torna-nos, com o tempo, capazes de um empenho vital na sociedade, e também de uma abertura total, de uma liberdade que nos permite exprimir a novidade de vida dada pela experiência cristã de modo persuasivo e também fascinante, livre de esquemas “imutáveis” que nem sempre respondem às necessidades do nosso tempo. Pude constatá-lo claramente há três semanas, participando num encontro com quinhentos jovens e professores da GS: o que nos ajuda a tornar-nos certos, firmes na consciência da nossa identidade cristã, é o que nos faz crescer no caminho rumo ao destino. Em todo caso, teremos oportunidade de voltar a estas coisas este ano, lendo o livro de Carrón publicado agora, *La bellezza disarmata* (A beleza desarmada).

Em tudo isto, deixem-me que vos diga, reconhecemos a ironia de Deus. À invasão do poder, que avança aparentemente incontrastável, Cristo não opõe outro poder, mas uma maltrapilha companhia humana, “uma companhia de homens” escolhidos por Ele para que a Sua presença jamais venha a faltar no tempo e no espaço e, com ela, como disse uma vez Giussani com uma imagem fantástica, «vai tomando palmo a palmo o terreno à noite» (L. Giussani, *Toda a terra deseja o Teu rosto*, Paulus Editora 2002, p. 132). Tivemos muitos testemunhos, acima de todos o do Pe. Ibrahim, pároco da comunidade latina de Alepo, que, juntamente com a família de Myriam e outros como eles, são a esperança de um povo que tem dificuldades em dar-se uma razão para continuar a esperar. Eles continuam uma história começada no início da Igreja, da cristandade, e estão conscientes de que, por isso, o Senhor os quer ali no Médio Oriente, para serem fecundos ali. E nós devemos sustentar os nossos irmãos cristãos nesta tarefa, porque são uma semente; e a semente deve ser defendida.

Ou quando vejo alguns dos nossos jovens que se querem bem como já não se acredita ser possível hoje, dum modo tão puro, intenso e também transparente, escancarado a todos; vejo neles a resposta mais convincente e contagiosa para os problemas que ocupam as discussões sobre a moral de nosso tempo. Permitam-me ler o que escreve um rapaz nosso de 24 anos a um amigo: “Eu amo-a. E amo Cristo, sim, finalmente posso dizer que O amo! Amo-O e quero dar-Lhe tudo... quero dar tudo pelo Seu Reino, quero usar o resto da minha vida pelo Seu Reino, porque sou feliz, porque estou grato. Ele conquistou-me. [...] E isto através dela. Amo-O através dela, e amo-a assim tanto porque percebo que foi Ele quem me deu. O mundo

mudou para mim, eu mudei. Tudo é igual a antes, e no entanto, tudo é novo. [...] Sabes, vivi tanto tempo atormentado pelo desejo de vê-Lo presente na carne, uma carne que eu pudesse ver e tocar... e então despontou uma flor. De repente. E o Amor do Pai fulgurou no meu coração e na minha vida. Agora eu amo a vida, amo-a imensamente, e amo até mesmo tudo o que sofri; sim, amo-o, amo o meu sofrimento, porque era um sofrimento digno de ser vivido: o meu sofrimento era o tormento do desejo de ver a Encarnação, de ver Cristo encarnar-se na minha vida... Isto é viver. Isto é Vida.”

A beleza de uma companhia sacramental como a nossa, a grandeza do Movimento é o que torna possível querer bem assim, porque um rapaz não poderia falar assim do seu amor pela namorada sem Cristo, sem a experiência do humano que nasce na nossa companhia: realmente Cristo “realiza o humano”. A resposta de Deus à “crise” dos tempos não é um discurso, mas o acontecimento de uma beleza, uma beleza desarmada, justamente. Que beleza? O facto de que o Infinito, o Divino, possa entrar dentro da carne da relação entre um homem e uma mulher de carne e osso, transfigurando-o e potencializando as suas capacidades afetivas a tal ponto, que o torna uma imagem de Si, glória Sua. Dentro e por meio do sinal, o Mistério torna-se realmente experimentável já, agora, ao ponto de que, através do amor recíproco entre um homem e uma mulher, assim como na amizade verdadeira, na comunhão cristã, é realmente o Infinito quem se torna presente. Enfim, encontra-se essa Beleza num sinal, numa realidade humana, frágil e “maltrapilha” o quanto quiserem, mas na qual brilha uma Presença que não é deste mundo. Este sinal é a Igreja, que o Movimento nos ensinou a amar. Quem vive da relação com esta Presença tende a preencher toda a realidade de positividade e de esperança.

Por isso te perguntamos: como é que o testemunho cristão pode responder hoje ao vazio e ao medo que correm o risco de nos fazer perder o gosto da vida?

CARRÓN

1. AS CIRCUNSTÂNCIAS E A FORMA DO TESTEMUNHO

“As circunstâncias pelas quais Deus nos faz passar», dizia Dom Giussani, «são factores essenciais e não secundários da nossa vocação, da missão a que nos chama. Se o cristianismo é anúncio do facto de que o Mistério encarnou num homem, a circunstância através da qual uma pessoa toma uma posição sobre isto, diante de toda a gente, é importante para a própria definição do testemunho” (*L'uomo e il suo destino*, Marietti, Génova 1999, p. 63).

Parece-me que, depois do percurso que fizemos no último ano, como dizia agora o Davide, podemos compreender melhor estas palavras de Dom Giussani. Quanto mais uma pessoa quer viver a fé no real, mais lhe interessa compreender qual é o contexto em que se encontra. Não por um mero interesse sociológico, mas precisamente para compreender a natureza do testemunho que somos chamados a dar.

Para entender o alcance que as circunstâncias têm na identificação da forma de testemunho a que somos chamados, talvez nos possa ajudar reler a história do palhaço e da aldeia em chamas citada pelo Cardeal Ratzinger no início do seu livro *Introdução ao cristianismo*, publicado em 1968: “Quem nos dias de hoje tenta falar sobre a fé cristã (...) há-de sentir logo o ambiente de estranheza e de assombro que acompanha um empreendimento dessa natureza. É provável que em pouco tempo fique com a sensação de estar a viver uma situação semelhante àquela que Kierkegaard descreveu tão bem na sua famosa parábola do palhaço e da aldeia em chamas (...) A história conta que, certa vez, houve um incêndio num circo ambulante na Dinamarca. O director mandou imediatamente o palhaço, que já se encontrava vestido e maquilhado a preceito, para a vila mais próxima, à procura de ajuda, advertindo-o de que existia o perigo de o fogo se espalhar pelos campos ceifados e ressequidos, com risco iminente para as casas do próprio povoado. O palhaço

correu até à vila e pediu aos moradores que viessem ajudar a apagar o incêndio que estava a destruir o circo. Mas os habitantes viram nos gritos do palhaço apenas um belo truque de publicidade que visaria levá-los a acorrer em grande número às sessões do circo; aplaudiam e desatavam a rir. Diante dessa reacção, o palhaço sentiu mais vontade de chorar do que de rir. Fez tudo para convencer as pessoas de que não estava a representar, de que não se tratava de um truque e sim de um apelo da maior seriedade: estava realmente em causa um incêndio. Mas a sua insistência só fazia aumentar os risos; eles achavam que a *performance* estava excelente – até que o fogo alcançou de facto a vila. Aí já foi tarde, e o fogo acabou por destruir não só o circo, mas também a povoação (...) Quem tenta anunciar a fé no meio de pessoas envolvidas na vida e no pensamento hodiernos pode sentir-se realmente como um palhaço, (...) e se apresenta ao mundo de hoje com os trajes e pensamentos de antigamente, sendo incapaz de compreender este mundo e de ser compreendido por ele”. (Introdução ao cristianismo, Princípiã, 1ª Edição – Novembro de 2005, pp.27-29).

É por isso que certas formas de comunicação da fé, hoje em dia, parecem tão estranhas, a ponto de não serem tomadas em consideração, ou, mais ainda, de serem motivo de riso.

Podemos agora compreender melhor a preocupação que Dom Giussani teve desde o início da nossa história, desde quando começou: quando ninguém podia imaginar o que iria acontecer, quando as igrejas ainda estavam a abarrotar e a fé parecia ir de vento em popa, quando todas as associações católicas tinham imensos inscritos, Dom Giussani já tinha identificado – como um profeta – o problema. E para não parecer, também ele, um palhaço, imediatamente procurou mostrar a pertinência da fé às exigências da vida. Não é que nos anos cinquenta não se pregasse a fé – a Igreja continuava a fazê-lo – mas muitos, já nessa altura, não a consideravam como pertinente às exigências da vida. Exatamente por isso é que muitos dos estudantes que Dom Giussani encontrava no Berchet, apesar de provenientes de famílias cristãs, tinham abandonado a fé. Dom Giussani experimentou na própria pele a importância das circunstâncias históricas para a definição do seu testemunho. Ele, que conhecia muito bem a doutrina católica, teve que se interrogar sobre o modo mais adequado para comunicar a verdade, a verdade de sempre, num contexto que estava a mudar rapidamente.

O mundo em que somos chamados a viver a fé é totalmente diferente daquele do passado, mesmo do recente. É um mundo onde a secularização progride, o colapso das evidências está diante de todos. A isto juntam-se, como consequência, uma passividade, um torpor e um tédio que parecem invencíveis e que ofuscam gravemente o reconhecimento do real. Esta situação é o desafio que têm diante de si, hoje em dia, a fé e o anúncio cristão. É um desafio que nos diz respeito, em primeiro lugar, a nós. Se a fé acaba por ser entendida, também por nós, como uma palhaçada, se nós somos os primeiros a não conseguir entendê-la como pertinente à vida, começará a diminuir, também em nós, o interesse por ela. Imaginem os outros!

Cada um de nós é obrigado a responder a esta situação que vem ao nosso encontro, provocando-nos. Com efeito, dizia Dom Giussani, “a experiência é o encontro de um sujeito com a realidade; a realidade que, como presença, o convida e o interroga (‘problematiza-o’). O drama humano está na resposta a esta problematização (‘responsabilidade’), e a resposta é, evidentemente, gerada no sujeito. A força de um sujeito está na intensidade da sua autoconsciência, isto é, na percepção que ele tem dos valores que definem a sua personalidade [do que ele tem de mais querido]. Ora, estes valores fluem no eu a partir da história vivida à qual esse mesmo eu pertence. (...) A genialidade radical de um sujeito está na força da consciência da pertença. Por isso, o povo de Deus torna-se um horizonte cultural novo para todos os sujeitos que a ele pertencem” (*Il senso di Dio e l’uomo moderno*, Bur, Milão, 2010, pp. 131-132). Portanto, da forma como respondemos aos desafios do presente,

“percebe-se se e quanto vivemos a pertença, que é raiz profunda de toda a expressão cultural” (L. Giussani, *L'uomo e il suo destino*, op. cit., p. 63).

Dom Giussani identifica duas maneiras de viver a pertença, das quais despontam duas faces culturais com que o cristianismo se coloca no mundo: a fé e a ética, o acontecimento da fé e os valores éticos. A Igreja – dizia em 1997 – em muitas ocasiões “coloca-se [...] perante o mundo, não digo esquecendo, mas dando por sabido e por óbvio [...] o conteúdo dogmático do cristianismo², ou seja, “o acontecimento da fé” (Ibidem, pp. 63-64), que se reduz “a um *a priori* abstracto que se hospeda e alberga na cabeça do homem” (Ibidem, p. 67), refugiando-se na ética, nos valores. É como se disséssemos: “O que é a fé eu já sei, agora devo preocupar-me com o que fazer”. Assim, quase inconscientemente, dando por óbvio o conteúdo da fé, deslocamo-nos para a ética. O rosto cultural do cristianismo já não é, então, o acontecimento da fé, mas os valores.

Ao responder aos desafios da vida, nenhum de nós pode evitar dizer o que tem de mais querido, qual é o conteúdo sintético da sua autoconsciência: se é o acontecimento da fé ou os valores morais.

Espanta-me o quanto esta atitude, que tantas vezes surpreendemos em nós, ou seja, a atitude de dar por óbvio o acontecimento da fé, não responda, ou antes, esteja em contraste com a experiência elementar da vida, que constantemente nos documentam, por exemplo, certas músicas como a de Mina que acabamos de ouvir, *La mente torna* (letra de G. Mogol, música de L. Battisti). O que é que diz? Que quando tu chegas, que quando chega o tu, “a mente retorna”; que quando “tu me falas”, eu sou eu. Lembram-se de quando citamos Guccini? “Não sou quando não estás aqui” (*Vorrei*, letra e música de F. Guccini). Só quando tu estás, me arrancas dos meus pensamentos. Isto é, o “tu” do outro faz de tal forma parte da definição do eu, que desperta a autoconsciência com que um eu enfrenta tudo. É, pois, a relação com um certo “tu” que torna possível um modo completamente diferente de estar no real, mais verdadeiro, determinado pela autoconsciência nova que ele suscita em nós. Por isso, a pertença a esse “tu” define a posição cultural. Quem quer que oiça a música percebe imediatamente o que tem de mais querido a pessoa que a compôs: o tu que torna o eu verdadeiramente eu, finalmente eu.

A experiência elementar da vida mostra o quanto preciso de um tu para ser eu mesmo, para ser eu. O Senhor que nos fez sabe bem o quanto o seu Tu é indispensável para o nosso eu. Na sua tentativa de fazer-se conhecer pelo homem, o Mistério “curvou-se” a esta experiência elementar. Com efeito, para entrar em relação conosco, tornou-se experimentável segundo a forma de experiência que nos caracteriza, a da relação com um tu, de modo que através dele todo o homem compreendesse o alcance do Tu do Mistério para si, para a própria vida. Curvando-se ao modo humano de se relacionar, Deus entrou no real chamando Abraão, para gerar um eu todo tecido da Sua presença, uma presença que os mesopotâmicos contemporâneos de Abraão não podiam nem sequer imaginar – como disse no Meeting o nosso amigo e professor Giorgio Buccellati, eles não podiam tratar por tu o fado, o destino.

O que significa isto tudo? Que a escolha de Abraão introduziu na história uma novidade, graças à qual a fé não é simplesmente uma coisa acessória, um rito ou uma prática devocional, mas é constitutiva do nosso eu, do nosso estar no real. A razão pela qual tudo começou com Abraão é o desejo de Deus: “Façamos com que um homem viva a experiência de Nós nas entranhas do próprio eu, para poder ver o que é o eu que Eu criei. Mas se a experiência desta minha Presença não vibrar dentro das entranhas de um homem como Abraão, o homem não poderá entender quem é e não poderá entender quem sou Eu”. Imaginem que experiência desta Presença deve ter feito o profeta Oseias para dizer: “O meu coração comove-se no meu peito, as entranhas agitam-se dentro de mim” (Os 11,8). Este Deus, este Tu, tem uma tal intensidade de vida que não pode olhar-nos, relacionar-se conosco, sem esta comoção, sem esta vibração, sem esta compaixão pelo nosso destino.

Deste modo, deu a conhecer ao homem o que é o homem, porque nada pode despertar o eu como ver um Tu que tem esta comoção pelo seu destino. Não admira, então, que quem é despertado por este Tu possa dizer, como o profeta Isaías: “Ao teu nome e à tua recordação se dirige todo o nosso desejo” (Is 26,8). Isto significa não deixar de fora da percepção de si mesmo o conteúdo da experiência da fé. Se nós o deixarmos fora da modalidade com que dizemos: “Eu”, a nossa pertença será a tudo, mas não ao Mistério que entrou na nossa vida. E por isso, daremos testemunho apenas daquilo que nós conseguimos fazer, daquilo que fomos capazes de imaginar, das nossas tentativas, mas não poderemos deixar transparecer a nossa pertença ao Mistério, como, pelo contrário, aconteceu a uma pessoa que, chegada ao trabalho, se deparou com um colega que lhe disse: “Mas o que é que te aconteceu? Por que estás com essa cara?” Ainda não tinha feito nada, mas, aos olhos do colega, surgiu uma diferença.

É por isso que, ao dar-mo-nos como pergunta para as férias: “Quando é que surpreendemos e reconhecemos na nossa experiência uma presença no olhar?”, não estávamos a fazer uma pergunta para visionários, para pessoas à caça de não sei que experiência mística, mas sim a interpelar quem se surpreendeu a olhar para o real com uma novidade dentro, aqueles para quem o conteúdo da experiência da fé não é um dado adquirido. Sem esta novidade, sem esta incidência no nosso olhar, a fé, no fundo, reduz-se a alguma coisa de devocional que não define o modo de estar no real, não define a vida.

Para alcançar o Seu objetivo, explica-nos Giussani, “Deus não (...) intervém de fora, como cláusula sufocante, como uma barreira feita de leis, uma prisão na qual sermos engaiolados, mas emerge de dentro, nascente, companhia profunda sem a qual não poderíamos fazer nada. Emerge de dentro da nossa existência, porque nos constitui e é preciso levá-Lo para as coisas de que a vida é feita, porque de outra forma [a vida] não seria vida. É preciso descobri-lo e segui-lo dentro da realidade da existência, porque Ele é o Deus dos vivos, e as realidades da existência seriam aparência de coisas, esquemáticas e formais, sem Ele. Deste modo somos chamados a experimentar qual é o sentido do humano que a modalidade com a qual o Senhor se revela, a Sua presença dentro da existência histórica recorda e produz” (*Alla ricerca del volto umano*, Bur, Milão 2007, p. 31).

Relendo a história do povo de Israel, tal como relendo a história da Igreja, herdeira daquele povo, Dom Giussani coloca-nos constantemente diante de duas possibilidades. Cada um de nós, então como agora, é colocado diante duma alternativa clara: “Barreira feita de leis” ou “presença dentro da existência”.

Mas se o acontecimento da fé, o seu conteúdo dogmático, é dado por adquirido, e tudo se reduz apenas a explicações, a dialéctica ou a ética, que interesse poderá ainda despertar em nós? Não será capaz de nos prender nem mesmo por um minuto. Porque nenhuma das nossas tentativas pode produzir a novidade humana através da qual Cristo nos fascina e nos faz interessarmo-nos por Ele. Abraão nunca poderia ter produzido um eu como o seu, se o Mistério não tivesse tomado a iniciativa, atraindo-o a Si. Do mesmo modo, João e André não teriam podido produzir aquela novidade humana que se enraizou nas suas vidas através do encontro com Cristo. Hoje, cada vez mais, cada homem, cada um de nós e aqueles que encontramos, todos nos encontramos diante da mesma vertigem: neste niilismo que nos rodeia, nesta situação de vazio galopante onde tudo é igual a tudo, há alguma coisa que consiga prender-nos, atrair-nos a ponto de determinar todo o nosso eu?

A pergunta foi identificada pelo Papa Francisco na sua mensagem ao Meeting: diante da estranha anestesia, “diante do torpor da vida, como despertar a consciência?” (Francisco, *Mensagem para a XXXVI edição do Meeting pela amizade entre os povos*, 17 de agosto de 2015).

Esta é a pergunta decisiva. É com ela que se devem medir todas as visões, todas as propostas, também as nossas. Cada um de nós, com efeito, em cada gesto seu, toma posição diante deste desafio radical. Cada um responde, implícita ou explicitamente, a esta questão,

no modo como se levanta de manhã, como vai trabalhar, como olha para os filhos, etc. Que coisa, então, poderá despertar-nos do torpor da vida?

2. A ATRAÇÃO DA BELEZA

Como dissemos, a experiência elementar do homem precisa de uma provocação adequada para se despertar; igualmente, o homem precisa dela para sair do seu torpor. Como sublinha Dom Giussani, a “experiência humana original”, ou seja, o sentido religioso, aquele complexo de evidências e de exigências pelos quais eu sou um homem, “não existe de forma ativa, senão dentro da forma de uma provocação. [...] Quer dizer, dentro de uma modalidade em que é solicitada” (*Dall’utopia alla presenza: 1975-1978*, Milão: BUR, 2006, p. 193). Então, o problema realmente radical é que haja, que se comunique, uma provocação adequada que possa favorecer o resgate real de uma percepção de si mesmos. São determinados encontros, com efeito, pela provocação que representam, que põem inteiramente em ação a consciência originária de nós mesmos, que fazem emergir o nosso “eu” das cinzas do nosso esquecimento, das nossas reduções.

É isto o que permite entender por que é que, diante de quem se desencoraja pela situação atual, o Papa escreveu ao Meeting: “Para a Igreja, abre-se um caminho fascinante, como foi no início do cristianismo”. Precisamente esta situação é para ele uma ocasião “fascinante”.

O que persuadiu Zaqueu, Mateus, a Samaritana, a adúltera? Uma lista de leis impostas de fora ou a Sua diferença? Descobrimo-lo pela reação deles. Diziam, com efeito: “Nunca vimos coisa igual!” (*Mc 2,12*). Ou ainda: “Ninguém jamais falou como este homem” (cf. *Jo 7,46*). Arrastava-os a experiência que viviam com Cristo – “o conteúdo dogmático do cristianismo, a sua ontologia”, para usar a expressão de Giussani –, que comunicava o mistério da Sua pessoa, não os valores, que nem seus discípulos conseguiam entender: “Se é esta a situação entre o homem e a sua esposa”, diziam diante da sua proposta de indissolubilidade do matrimônio, “então é melhor não casar” (cf. *Mt 19,10*). Por que é que ainda iam atrás dele? E por que é que a estranheza de Jesus não era entendida por eles como a de um palhaço? Bastaria ler o Evangelho com esta pergunta para redescobrir tudo de novo.

Não será talvez, como diz Dom Giussani, o ter dado por óbvio o acontecimento da fé e o ter-se deslocado para a ética, a razão por que os cristãos são entendidos pelos outros como palhaços? Podemos defender a doutrina correta e gritá-la diante de todos, sem que o outro se sinta minimamente impressionado, sem que mude minimamente o seu modo de nos olhar. Podemos gritar todas as nossas sacrossantas razões, podemos reivindicar valores éticos, ainda que justos, sem conseguir mover os outros nem sequer um milímetro: pelo contrário, eles veem-nos como palhaços. Um cristianismo reduzido a um conjunto de valores ou a leis a respeitar parece-lhes uma palhaçada, e nós cristãos uns palhaços, parte do circo.

Há alguma coisa capaz de subverter esta situação? Há alguma coisa capaz de nos agarrar e de agarrar os outros profundamente, até à medula, a ponto de eles deixarem de considerar o cristianismo como uma palhaçada? Sim, há. E hoje como naquele tempo, como nos tempos de Jesus, o cristão deixa de ser identificado com um palhaço e “obriga” quem o encontra a iniciar um processo que não se sabe aonde o levará. Contava-me um amigo sacerdote que vive em Inglaterra: “Uma mãe que encontrei à saída da missa com uma criança pequena, de um ano e meio, diz-me: ‘Querida falar do Batismo’. Nunca a tinha visto antes. Duas semanas depois, vou a sua casa e começamos a conversar. Como acontece muitas vezes em Inglaterra, os pais não eram casados. A criança fora concebida *in vitro*; venho a saber também que têm outro embrião congelado [esta é a situação: um filho no congelador!]. Eu dizia-me: eu não posso fazer a este casal um rol de todas as coisas certas que eles não fizeram, no entanto a mulher veio procurar-me, por um fio de interesse, evidentemente. Então pergunto-lhe: ‘Por que é que veio ter comigo?’. E ela: ‘Na verdade, eu fui batizada em criança, vivia como cristã, era bom: a escola, a igreja, mas depois larguei tudo. Mas eu

queria isso para meus filhos'. Eu já estava para sair, quando parei e lhe disse: 'Eu sei que o seu marido esteve doente, que vocês tiveram muitos problemas, mas eu queria dizer-lhe uma coisa: olhe que Deus, na verdade, nunca vos perdeu de vista, não é que Ele se tenha enganado, se tenha esquecido e não tenha olhado para vocês; como acontece a si com o seu filho: muitas vezes ele não percebe as suas ações, as coisas que lhe permite, mas na verdade você vê um bem dentro dele; Deus também sempre olhou para si, tem-a bem presente e quer fazer algo de grande na sua vida e na vida da sua família através das dores e das coisas que lhe aconteceram'. Aquela mulher desatou a chorar e depois começou a vir à igreja todos os domingos. Eu percebi que não podia simplesmente olhar para a lista de questões éticas que ela não tinha respeitado, porque o ponto era que ela pudesse encontrar uma possibilidade para a própria vida, como aconteceu; e o resto pouco a pouco, irá resolver-se".

Parece-me um exemplo de um ponto de partida, na relação com o outro, do conteúdo da fé, e não da ética.

O amigo sacerdote contou depois outro episódio: "Uma senhora escreveu-me um mail dizendo: 'Querida frequentar a paróquia'. Encontrei-me com ela e disse-lhe: 'Por que é que quer frequentar a paróquia?'. 'Porque eu quero isto para mim e para meus filhos.' 'E o que quer dizer que quer frequentar a paróquia? É católica?' 'Não.' 'É anglicana?' 'Não, na verdade eu nem sou batizada.' 'Ah, está bem, então [como costuma acontecer] o seu marido deve ser cristão e está a aproximar-se da fé através dele.' 'Não não, o meu marido não é católico, não é anglicano, também não é batizado.' 'Então são os seus pais? Deve haver alguma ligação com a Igreja. Enfim, por que é que quer vir?' [cheio de curiosidade]. 'Na verdade, eu sou ama de crianças, por profissão, e minha mãe também, todos os dias nós juntamos oito a dez crianças em casa da minha mãe, que é grande, e cuidamos delas enquanto os pais estão no trabalho. Nestes anos de trabalho, vi que as crianças da sua escola e da sua paróquia são diferentes, e os pais delas também são diferentes; então eu quero isso para mim. O que tenho de fazer?' Eu disse-lhe: 'Eu apresento-lhe algumas mães, e se depois quiser vir à Escola de Comunidade, há também pessoas que estão a preparar-se para o Batismo, e vamos vendo. Também pode vir à missa, se quiser.' 'Na realidade, eu pensava que não podia ir à missa, que era proibido por não ser católica; mas, para dizer a verdade, fui às escondidas duas vezes.' 'E o que aconteceu?' 'Durante a semana eu estava diferente, porque aqueles cantos, aquelas coisas... muitas coisas eu não entendo; mas talvez alguma coisa eu entenda, e alimenta-me a semana toda.' Eu posso admitir que haja gente que esteja a voltar à fé porque já não tem o preconceito e a fé já não seja dada por óbvio, mas aqui é diferente, porque estas pessoas que encontro não podem nem mesmo dá-la por óbvio, simplesmente porque não sabem o que é, e então não podem sequer ter um preconceito".

Quando essa vida diferente é captada, provoca espanto, como acabamos de ver; ou como nos contava o padre Ibrahim: um muçulmano vai ao poço do convento franciscano de Alepo e diz ao padre Ibrahim: "Padre, ao ver como as pessoas vêm buscar água, com um sorriso, com uma grande paz no coração, sem brigas, sem levantar a voz... Eu, que andei por toda a Alepo e vejo que se matam para tirar água dos poços, fico maravilhado: vocês estão cheios de paz, de alegria [...], vocês são diferentes" ("Il profumo di Cristo tra le bombe", *Tracce*, n. 8, 2015, p. 26).

O mesmo espanto é testemunhado por um amigo que vive na Califórnia e que conta: "Trabalho com pessoas deficientes de nascença e com veteranos a quem a guerra causou fortes traumas; todos os dias me deparo com o limite do homem, o limite físico e também o limite mental. Uma mulher dos seus quarenta anos, com uma vida no exército, sofreu também violências físicas, e por isso, nos últimos quinze anos, viveu a sua vida como que anestesiada. Por causa destes traumas, era impossível para ela viver uma relação positiva com a realidade: era impossível ir fazer compras no supermercado, porque quando está no meio dos corredores do supermercado tem medo de que alguém a agrida; não conseguiu manter um trabalho; levantava-se às três da manhã ouvindo os pássaros a cantar: 'Eu ficava

louca, seria capaz de os matar a todos! Era insuportável'. Há um mês, depois de um ano junto desta mulher, trabalhando com ela (no sentido de lhe ensinar um trabalho) e vivendo a vida com ela, disse-nos: 'Acordo de manhã, às três, ainda não consigo dormir, mas agora começo a querer bem, até a olhar com amor os pássaros que cantam. E isto porquê? Porque fui olhada com um olhar que me despertou toda a espera do coração'". O amigo da Califórnia acrescenta: "Esta mulher não é do Movimento, mas usou estas palavras: 'O meu coração agora está vivo'. Porquê? 'Porque vi alguém e alguma coisa que despertou em mim toda a possibilidade de ser eu mesma.' A beleza deste ano, sobretudo o encontro com o Papa, fez-me perceber que a única responsabilidade que tenho é viver a vida dentro daquela atração que me atingiu, o resto é Ele quem faz, porque é Ele quem muda a vida do outro. Há algumas semanas, eu e uma colega fomos convidados para uma conferência, para falar da nossa atividade. Normalmente, no momento da apresentação, dizem aquilo que tu fizeste, aquilo que fazes e os títulos que tens. Por isso a pessoa começa a descrever quem somos, a companhia para a qual trabalhamos, mas a uma certa altura para e diz: 'No entanto, aquilo que o Guido e a Nancy são é o coração do que nós fazemos'. Isto comoveu-me, no sentido de mover: eu simplesmente vivi – e isto é impressionante – sem fazer discursos, e alguém que não sabia nada de mim pôde dizer: 'Eu olho para ti pelo coração que exprimes, que é a raiz daquilo que nós também fazemos'. Que, ao ver-te, alguém diga: 'Eu identifico-me com o coração que tu exprimes', acho que é o maior testemunho que se possa dar e que nasce do viver dentro da atração do encontro com Cristo".

O que mudou esta mulher, condenada a viver de modo distorcido a sua relação com a realidade? Foi a novidade que entrou na história com Abraão, que chegou até nós e que se comunica por meio de nós, quase sem fazer nada de especial. Nós damos-lhe essa novidade simplesmente convivendo com ela. O resultado é simples: "Começo a querer bem até aos pássaros", os mesmos que antes queria matar. Isto quer dizer que a Presença que passa através de nós é capaz de mudar a vida: é tão crucial, que, sem ela, como diz outra música de Mina, tudo se perde: "E, se amanhã [...] de repente eu te perdesse, eu perderia o mundo inteiro, não somente a ti" (*E se domani*, letra de G. Calabrese, música de C. A. Rossi).

Sem este Tu, o eu perde o mundo inteiro. Perde tudo. Mas nós, diz Dom Giussani, pensamos que isto é tudo como um conto de fadas! "Quando a pessoa se levanta de manhã, quando experimenta dificuldades ou desilusões, ansiedades ou contratemplos, a imagem de um Outro que acompanha [a vida] [...], que desce até ela [assim como é] para restituí-la a si mesma, é como um sonho" (L. Giussani, *Em busca do rosto do homem*, op. cit. p. 32). Por isso, em cada momento, cada um de nós faz o teste: o gesto que realiza revela se, para ele, o conteúdo dogmático da fé é um dado real ou um conto de fadas, um sonho. Isto define aquilo a que pertencemos. Podemos até estar distraídos, podemos continuar com todos os nossos limites, mas o Facto passa através de nós se formos definidos pelo conteúdo da fé. Trazemo-Lo a tal ponto em nós, que ele desperta nos outros uma afeição ao real.

Então, quando nós não vivemos uma relação cheia de afeição pelo real, quando nos complicamos a vida e sentimos a relação com a realidade como uma violência, não é porque os pássaros sejam maus ou as circunstâncias estejam contra nós, não é por causa da doença ou porque o chefe ou quem quer que seja não nos compreenda, ou porque tudo esteja errado ou seja mau. Não, não! O problema é que falta o Tu, aquele Tu que torna possível que tudo – tudo! – se torne amigo, até os pássaros, que aquela mulher antes queria eliminar.

O que atestam estes testemunhos? O que fez as pessoas encontradas não entenderem o cristianismo como uma palhaçada e os cristãos como palhaços? A novidade de vida com que elas se depararam, vinda de dentro de sua existência. No circo do mundo, com todos os seus atores, com todos os seus palhaços, com todas as interpretações em voga, neste mundo em que tudo é "líquido" – como diz Baumann –, em que uma coisa vale a outra, o que é que, então, é tão poderosamente real, tão atraente, que nos toma totalmente, a ponto de não o quisermos perder?

“O homem reconhece a verdade de si”, sublinhava Dom Giussani, “através da experiência de beleza, através da experiência de deleite, através da experiência de correspondência, através da experiência de atração que ela suscita, uma atração e uma correspondência total, não total quantitativamente, total qualitativamente! [...] A beleza da verdade é o que me faz dizer: ‘É a verdade!’” (*Certi di alcune grandi cose: 1979-1981*, Milão: BUR, 2007, pp. 219-220). Atração significa “trago-te para”, ou seja, tu és trazido para fora de ti em direção a outro.

Por isso ele dizia que “o homem de hoje, dotado de possibilidades operativas como nunca na história, tem grande dificuldade em entender Cristo como resposta clara e certa ao significado da sua mesma engenhosidade. As instituições muitas vezes não oferecem vitalmente tal resposta. O que falta não é tanto a repetição verbal ou cultural do anúncio [não basta uma doutrina, mesmo reafirmada obstinadamente, como não basta uma lista de coisas para fazer]. O homem de hoje espera, talvez inconscientemente, a experiência do encontro com pessoas para as quais o facto de Cristo seja realidade tão presente, que a vida delas mudou. [Aquilo que desmonta o circo dos palhaços é a realidade de Cristo, uma realidade tão presente, que muda a vida de homens que se encontram no próprio caminho.] O que pode sacudir o homem de hoje é um impacto humano: um acontecimento que seja eco do acontecimento inicial, quando Jesus levantou os olhos e disse: ‘Zaqueu, desce depressa, vou a tua casa’” (L. Giussani, Intervenção no Sínodo, 1987; in Id., *L’avvenimento cristiano*, Milão: BUR, 2003, pp. 23-24).

Onde é que se pode encontrar esta beleza que me atrai despertando-me a mim mesmo? Como é que o eu, disperso no tédio e no torpor, pode reencontrar-se? Dom Giussani disse-o de forma definitiva: “A pessoa reencontra-se a si mesma num encontro vivo, quer dizer, numa presença com que se depara e que espalha uma atração; numa presença, isto é, que é uma provocação para si. Espalha uma atração, isto é, provoca o facto de que o nosso coração, com aquilo de que é constituído, com [todas] as exigências que o constituem, é, existe. Aquela presença diz-te: ‘Existe aquilo de que é feito o teu coração; estás a ver, por exemplo, em mim existe’. A atração e a provocação ao fundo de nós mesmos são dadas somente por isso” (*L’io renasce in un incontro: 1986-1987*, Milão: BUR, 2010, p. 182).

O encontro com essa presença difunde uma atração, faz saltar a centelha.

3. A CENTELHA

“A verdade”, diz ainda Dom Giussani, “é como o rosto de uma mulher bonita, tu não podes deixar de dizer que ela é bonita, não consegues! [impõe-se]. Mas, à parte a comparação, a verdade é uma coisa que se impõe inevitavelmente. O homem tem uma fração de instante em que o coração se comove. É aquilo a que eu chamava centelha. [...] Aquela centelha, aquela intuição de que talvez fosse verdadeiro para si, talvez filiforme, talvez toda nebulosa, confusa – mas é errado dizer confusa [corrige-se]; não foi confusa; pelo menos por um bocadinho, era uma centelha, e por isso não era confusa –, suscitou, talvez ‘pulviscularmente’, uma emoção ou comoção na qual, mesmo inconscientemente, ‘nos descobrimos gratos e pasmados com o acontecido’, como vocês disseram. Quer dizer, aquela centelha fez como que emergir uma pobreza de espírito, talvez um fiapo, um fiapinho, como um grãozinho de pó, de pobreza do espírito. Aquela centelha é como se tivesse sido um fogo, uma brasa de fogo que foi até o osso, que pôs a nu o nosso osso, isto é, o nosso coração, atravessou a carne e gerou um instante, uma experiência, de pobreza de espírito, de simplicidade do coração (‘gratos e pasmados pelo acontecido’). Conclui Dom Giussani: “A centelha, essa centelha, é o gatilho de uma consciência nova da origem de si” (*Certi di alcune grandi cose: 1979-1981*, op. cit., pp. 207-208, 215).

Quando alguém capta essa centelha em nós, deixa de nos considerar palhaços.

Um universitário de arquitetura escreve: “Estávamos a preparar a mostra sobre a Catedral de Florença. O arquiteto que a tinha preparado e que trabalharia conosco durante a semana

do pré-Meeting, chegando ao nosso *stand*, acolhe-nos assim: ‘Olá pessoal, eu não sou do Movimento de CL, fui encarregado de fazer esta mostra e estou aqui para trabalhar com vocês’. Mal acabou de dizer esta frase, vestiu uns calções e começou a trabalhar juntamente conosco: pinta, carrega pesos, passa reboco... Na mesma noite vem comer conosco, no sítio onde se reúnem todos os voluntários. Trabalha conosco, come conosco e continua assim por cinco dias. Nasce dali uma bela relação. No domingo anuncia que tem que ir para Florença para trabalhar e que não volta mais. Mas, para nosso grande espanto, na terça-feira de manhã está na Feira, pronto para trabalhar, feliz. ‘Pessoal, voltei porque estava com muitas saudades! Nunca vi ninguém trabalhar assim. Vocês têm alguma coisa que os outros não têm. Eu tinha muitos preconceitos contra CL antes de vir aqui, mas estava a concentrar-me num ponto sem olhar para tudo o resto’”.

Outra pessoa conta: “Naqueles sete dias de férias, cada um pôde confrontar-se com o facto de que uma outra medida abriu espaço entre nós, e quando isso acontece é impossível não nos darmos conta. Aperceberam-se também três amigos chineses que estão na nossa universidade para um intercâmbio cultural de dois anos, e que conhecemos há alguns meses. Ficaram impressionados com tudo o que aconteceu. Em primeiro lugar, pelo facto de que era possível uma familiaridade tão verdadeira entre pessoas tão distantes geograficamente. Nunca lhes tinha acontecido serem acolhidos e abraçados como foram. Viram em ação ‘uma caridade que os comoveu’. O Matteo disse que, por aquilo que viu, a diferença entre a religião católica e o budismo é que a religião católica é uma vida, não uma série de ritos a cumprir, e que ele se sente muito mais atraído por esta vida que viu em ação”.

Uma amiga universitária passou o verão todo juntamente com outros colegas, envolvidos num projeto com um seu professor. Um dia propõe aos seus amigos: “Pessoal, há uma coisa fantástica que vocês têm absolutamente que ver”. Era o Meeting de Rímini. Vejam o que aconteceu: “Pelo fruto de toda uma amizade que tinha nascido, eles vieram e ficaram espantados; espantados também por verem que eu própria, que já conhecia o Meeting, estava espantada, porque o olhava através dos olhos deles. Foi um dia incrível, cheio de encontros. Eles estavam contentíssimos. Quando estávamos no carro de volta, a rapariga grega olhou para mim e disse: ‘Mas o que é que aquelas pessoas têm?’. Eu respondo-lhe: ‘Não sei, o que é? Diz-me tu’. E ela: ‘São livres. São felizes’. E depois: ‘Aqueles que me apresentaste têm como que um brilho nos olhos. Têm um brilho nos olhos e são livres como criancinhas’. E continuava a insistir que eu lhe explicasse o que era aquele brilho nos olhos que ela via. Então disse-lhe que era a mesma pergunta que eu me tinha feito quando os tinha conhecido: o que é esse brilho? E assim contei-lhe o que aconteceu a mim, de como me converti, disse que aquelas pessoas eram católicas. Ela ficou petrificada. E acrescentou: ‘Mas então o cristianismo é um encontro! Porque eu não gosto de regras, mas o que tu me contas é um encontro, e eu seguiria aquele brilho nos olhos até o fim do mundo, porque o quero’”.

Se a nossa jovem amiga não tivesse aceitado o imprevisto de um verão diferente do normal, não teria podido ver o que viu. E o que viu? Que choque recebe uma pessoa quase desconhecida diante de homens livres e felizes, que têm um brilho nos olhos! Eles trazem a centelha nos olhos. “De onde nasce esse brilho nos olhos?”, perguntava-se. Do facto de serem bons? Nos seus olhos ri-se um céu que não é deles. Eles “são como criancinhas”. Estão espantados com aquele céu. O que é que tem que acontecer para tornar um adulto tão “criança”? Aquela rapariga não sabia nada do cristianismo, mas diz “Eu seguiria aquele brilho nos olhos até o fim do mundo”. Tudo menos uma palhaçada! Tudo menos palhaços! Isto acontece agora, exatamente como há dois mil anos.

Comentando a vocação de São Mateus, durante a recente viagem a Cuba, o Papa Francisco disse: “Ele próprio nos conta, no seu Evangelho, como foi o encontro que marcou a sua vida, introduzindo-nos numa ‘troca de olhares’ que pode transformar a história. [A história! Não só aquele homem!] Um dia, como outro qualquer, estava ele sentado no posto

de cobrança de impostos, quando Jesus passou, viu-o, aproximou-Se e disse-lhe: ‘Segue-me’. E ele, levantando-se, seguiu-O. Jesus olhou para ele. Que força de amor teve o olhar de Jesus para mover assim Mateus! Que força deviam ter aqueles olhos para o levantar! Sabemos que Mateus era um publicano, ou seja, cobrava os impostos dos judeus para os entregar aos romanos. Os publicanos eram malvistas, até considerados pecadores, e por isso viviam separados e eram desprezados pelos outros. Com eles, não se podia comer, falar nem rezar. Eram considerados pelo povo como traidores: tiravam da sua gente para dar aos outros. Os publicanos pertenciam a esta categoria social. E Jesus parou, não passou ao largo acelerando o passo, olhou-o sem pressa, olhou-o com calma. Olhou-o com olhos de misericórdia; olhou-o como ninguém o fizera antes. E aquele olhar abriu o seu coração, fê-lo livre, curou-o, deu-lhe uma esperança, uma nova vida, como a Zaqueu, a Bartimeu, a Maria Madalena, a Pedro e também a cada um de nós” (Francisco, *Homilia*, Plaza de la Revolución, Holguín, Cuba, 21 de setembro de 2015).

Hoje como então, há alguns factos, algumas formas de viver o cristianismo que não são entendidas pelos outros como uma palhaçada, mas como a coisa mais fascinante. Nestes factos, o conteúdo e o método coincidem. São factos que não precisam de nenhum tipo de poder acrescentado para se impor: basta a atração daquele “brilho nos olhos”, daquela “troca de olhares”. Nenhum remédio, nenhuma droga, nenhum guru, nenhum poder, nenhum sucesso, nenhuma estratégia é capaz de produzir este brilho nos olhos.

Isto desencadeia a decisão. “A decisão é gerada somente pela descoberta de que o próprio eu é atraído por um Outro, de que a substância do meu eu, a substância do meu ser, o meu coração, é idêntica a ‘estar atraído por um Outro’ [...]. É este Outro o sentido da dinâmica do meu eu, deste meu viver, desta dinâmica que é o meu viver. Quando digo ‘Eu’, digo uma dinâmica dirigida a outro, a um Outro. É um Outro que constitui a minha vida, porque o Outro me atrai e eu sou este ‘estar atraído’, sou constituído por essa atração [...] [‘Eu seguiria aquele brilho nos olhos até o fim do mundo’]. A decisão, então, é gerada lá onde a pessoa descobre esta sua natureza, de ‘estar atraído’, pela qual, como diz São Paulo (sempre citado): ‘Vivo, não eu, mas é outra coisas que vive em mim’. A atração é, de facto, outra coisa que vive em mim e que me faz viver. A decisão é gerada quando desencadeia esse dar-se conta, essa consciência de um homem novo, dessa novidade na percepção de si, no sentimento de si. E é um momento em que a pessoa realmente se concebe – como um homem e uma mulher concebem a criança, e concebem-na por uma atração. O exemplo não é perfeito, mas é o mais profundo, por analogia, que se possa fazer. É realmente uma concepção de si que vem desse abraço profundo do meu eu com o Outro, cuja atração eu descubro, aceito e reconheço. Sem simplicidade de coração, sem pureza de coração, sem pobreza de espírito, isto não acontece, porque, onde não há pobreza de espírito, essa atração é exercida, mas não é reconhecida totalmente: há uma reserva, e então não há a ‘concepção’” (L. Giussani, *Certi di alcune grandi cose: 1979-1981*, op. cit. pp. 216-218).

É esta dinâmica o que pode fazer-nos entender o significado do servir. Digo-o para responder a uma pessoa que me pergunta: “O que quer dizer seguir?”. Seguir, assim como decidir, é fácil: “Eu seguiria aquele brilho nos olhos até o fim do mundo”. Por que é que é fácil seguir? Porque é ceder à atração que me tomou. O problema é que, muitas vezes, para nós, seguir não é ceder ao evento que nos tomou, com toda a consciência daquilo que nos acontece. Para nós, seguir torna-se uma espécie de voluntarismo, um adequar-se a certas normas, a uma doutrina, a um conjunto de valores a defender. Ao passo que Dom Giussani nos mostra que o seguimento é um movimento, uma decisão provocada pela atração, porque o problema da liberdade é se ela encontra algo que seja tão fascinante, que dá vontade de lhe aderir. Por isso, é como se em cada palavra, em cada desafio diante do qual nos encontramos, tivéssemos que aprender constantemente a natureza da fé, a natureza do cristianismo, sua ontologia. Porque, senão, as mesmas palavras cristãs tornam-se como pedras que não nos dizem mais nada. Em contrapartida, para entender bastaria deixar-se

surpreender por aqueles momentos em que o acontecimento, a beleza acontecem, como vimos acontecer de forma clamorosa no Meeting, durante o encontro sobre Abraão e os desafios do presente, quando, mal acabou de ouvir o violino, o professor Weiler reagiu ao microfone com um suspiro profundo. E logo a seguir acrescentou: “É preciso um minuto para recuperar...”. É isto! É este o momento em que se recomeça. É daqui que se recomeça. O seguimento nasce daqui: a atração do violino desencadeou aquele suspiro profundo. É fácil! Também o seguir, como o encontro inicial, é um acontecimento em que devemos consentir.

Mas por que razão, então, nos parece tão difícil, se é tão fácil?

O problema é que muitas vezes resistimos a este método, que é o método de Deus. E isto é realmente triste: apesar de acontecerem coisas como as que acabamos de ouvir, e outras que compartilhamos cada vez que nos encontramos, nós resistimos e não aprendemos com elas. Isto acarreta o não seguimento. Não o não seguimento de mim – que interesse teria? –, mas o não seguimento daquilo que Ele faz e que eu, em primeiro lugar, quero seguir. Este é o nosso problema com o seguimento: que nós, apesar de vermos continuamente que o acontecimento, o encontro é o único método capaz de pôr o eu em movimento – é o que fez Deus com Abraão e com João e André –, nós continuamos a pensar que há outra maneira, outro método mais incidente para atrair o eu. E no entanto, é fácil: basta seguir o que Cristo faz.

“Certa noite, estava a conversar com os meus colegas de curso sobre a família, e uma rapariga não conseguia perceber. Ela mudou quando eu lhe disse o que tinha acontecido na minha família. Eu fugi várias vezes de casa, levantei a mão ao meu pai e durante dois anos não falei com ele. Aquilo que mudou a minha família não foram leis ou uma revolução, mas foi o encontro que eu fiz há quatro anos com os meus amigos do Movimento. Vivendo dentro desta relação, onde todo o meu mal era perdoado, vivendo uma beleza e um gosto da vida novos, a minha família floresceu. Aquela relação muda-me e muda aqueles que estão à minha volta, sem que eu me preocupe com isso. Falei-lhe de uma prima minha: ela e sua família moram noutra cidade e todos os anos vêm passar férias conosco. No ano passado vieram para no Natal, simplesmente comemos e abrimos os presentes juntos. Depois do almoço, a minha prima veio ter comigo e disse-me: ‘Eu tenho a impressão de que os meus pais estão juntos por minha causa, não porque se amam; e vejo que a tua família está unida, eu queria a mesma coisa’. Enquanto ela me dizia isto, eu pensava: mas o que é que ela viu? Até há poucos anos atrás, a minha família estava tudo menos unida; antes de vir para Milão, eu nem sequer comia com minha família. Ela ficou impressionada com a forma como comíamos. Depois disse-me: ‘Quando nós éramos pequenos brincávamos juntos; depois tu ficaste um parvo, mas agora vejo que os teus olhos voltaram a ser como os de uma criança’. Isto impressionou-me, e então eu simplesmente a convidei para fazer caritativa com os meus amigos, levamos cestas básicas às pessoas dos bairros mais pobres. E ela disse-me que aquela tarde foi uma das mais bonitas da sua vida. No dia depois de ter voltado para casa, ela telefonou-me a chorar: ‘Sinto uma falta em mim que eu nunca tinha sentido’. Ao princípio pareceu-me uma coisa um tanto ou quanto sentimental, mas logo a seguir ela disse: ‘Esta manhã acordei às sete, fui ao centro da cidade, fui à Câmara Municipal, à secretaria da juventude, e perguntei aos funcionários onde poderia encontrar as pessoas de Comunhão e Libertação’”.

Mas nós pensamos que temos um método mais poderoso, mais incidente historicamente para convencer as pessoas! Então eu pergunto-vos: alguém pode mesmo pensar que o método imaginado por nós pode ser mais incidente que aquele escolhido por Deus? Nós não podemos pretender recuperar, com o nosso fazer, o que perdemos na vida. Esta, portanto, é a nossa responsabilidade: não resistir ao método de Deus.

E, mais uma vez, Dom Giussani nos ilumina, identificando a razão última desta resistência, que não é, como poderíamos imaginar, a incoerência, mas a aridez afetiva. “A

nossa falta radical, o que nos deixa essa indecisão de fundo, é uma incapacidade, uma aspereza total ao gosto da beleza, ao gosto estético, e é pois uma resistência impressionante ao sermos impregnados da alegria, da letícia, e portanto da vivacidade – da vivacidade! –. Porque só o que é belo, o que te parece belo, o que te faz vivo, ou seja, catalisa a energia da tua vida, é a tua vida. É esta carência atroz que se nota em vocês, como jovens de hoje, esta tremenda carência de espanto diante da beleza, de capacidade receptiva da beleza. O efeito, porém, que vos impressiona é aquele que provoca uma pura reatividade. O efeito com que as coisas vos alcançam é o de uma reatividade: provocam-vos uma reatividade e bloqueiam-vos em vocês mesmos, de forma que tudo o que vos passa pela frente é para ser usado por vocês mesmos, para ser instrumentalizado. O espanto, o receber a beleza é o inverso: os olhos [...] escancarados a escutar, a olhar, a receber. [...] A vossa incapacidade [dizia aos universitários em 1980] é uma incapacidade de afeição” causada por uma obtusidade. A centelha de que falamos, continua Dom Giussani, “é alguma coisa que acontece e que se recebe na medida da nossa capacidade afetiva, ou seja, da nossa capacidade estética, de gosto estético, de sentido estético, ou seja, da nossa capacidade receptiva do belo. Enquanto que a pobreza do coração, ou a simplicidade do coração, é a postura ética que permite o desenvolvimento estético. Observem como uma criança olha para as coisas: com os olhos escancarados! A beleza e a vibração da realidade jorram para dentro dela; em contrapartida, nós, que estamos ali ao lado, ficamos obtusos” (*Certi di alcune grandi cose: 1979-1981*, op. cit., pp. 220, 223). Essa obtusidade é o que faz sentir a estranheza de que fala Pavese: “Ri-se-te nos olhos a estranheza dum céu que não é teu” (C. Pavese, “Noturno”, In: *Trabalhar cansa*, Lisboa 2008, Cotovia, p.81). Assim comentava Dom Giussani estes versos: “Ri-se-te nos olhos: tu és feito do céu, para o céu, por um Outro; e este ri-se em ti, porque o coração é sede de felicidade e de beleza. Um céu que não é teu, porém: tu não o queres”. (*É possível viver assim*. Exercícios da Fraternidade de Comunhão e Libertação. Apontamentos das meditações de Luigi Giussani, suppl. *Tracce* n. 6/1995, p. 25).

Quando respondemos aos desafios da realidade, deixamos sempre transparecer a nossa pertença, ou seja, o que é mais querido para nós, e isso torna-se a nossa posição cultural no mundo. Fiquei admirado com o modo como Dom Giussani, poucos dias depois da derrota no referendo sobre o aborto de 1981, falando num encontro de responsáveis do Movimento, identificou o conteúdo sintético da autoconsciência daqueles que se tinham movido, o que eles tinham de mais querido, de onde derivava a posição cultural deles: “O ponto para a condução do Movimento que deriva deste caso do referendo é a tristeza, é a tristeza ao constatar que o acontecimento de Cristo não teve e não tem um papel como valor da vida”. O que tinha acontecido durante o referendo era, disse, a expressão daquilo que acontecia na vida ordinária das comunidades: “Na vida normal da nossa comunidade e da condução do Movimento, não há em nós esta transparência do valor da fé. Em suma, é Jesus Cristo que não tem que ver com a nossa gente”.

E indicava-nos também, com precisão, a estrada a seguir. Vale a pena ouvi-lo, se não quisermos perder outra vez o comboio: “Jesus Cristo deve ter uma evidência em si para a nossa gente! A direção é esta. ‘Eu não conheço outro que Cristo’, e este Cristo histórico que, como resultado, foi eliminado. Cristo torna-se presença para os outros se se torna presença para mim! Sou eu a presença de Cristo: passa através desta comunicação o acontecimento da Sua pessoa, o mistério da Sua pessoa [como atestam todos os testemunhos que lemos]. Há um corolário neste ponto: têm que perceber que o Movimento será salvo por esta minoria! A parte que carrega o futuro é o testemunho real” daqueles que aderem a Ele. E acrescentava: “É extremamente difícil, difícil no sentido estatístico do termo, encontrar pessoas que vivam verdadeiramente, que se ponham em companhia pela santidade, ou seja, pela fé em Cristo, para aprender a fé, para viver e testemunhar a fé. E esta dificuldade é agravada pelo facto de que será bem difícil estatisticamente que os nossos adultos encontrem guias nesse sentido, suscitadores desse sentido. O Movimento será levando

[adiante] por aqueles que não ouvirem a minoria [como aconteceu com o resultado do referendo, pelo facto de que os contrários ao aborto se limitaram a 32%] minimamente como minoria, porque terão dilatado o seu coração pelo valor. E o valor é um só, um! Porque até a nossa vida não é valor se não houver Cristo! O acontecimento de Cristo. O Movimento será levado adiante por quem fez esse encontro, e o sinal de que terão feito esse encontro é a capacidade de fraternidade, de companhia”. O Movimento será levado adiante por aqueles que não conseguiram, como João e André, apagar a experiência que viveram com Cristo, o conteúdo dogmático da fé, e estão juntos por isso. Por isso Dom Giussani insistia: “O futuro do Movimento chama-se o testemunho do adulto”, acrescentando uma frase das suas: “Este é um momento em que seria bonito sermos doze em todo o mundo” (FRATERNIDADE DE COMUNHÃO E LIBERTAÇÃO, *Documentação audiovisual*, Milão: Conselho nacional de CL, 30-31 de maio de 1981).

Em que consiste, então, o testemunho? “Estar presença numa situação quer dizer estar nela de modo a perturbá-la, de maneira que, se tu não estivesse ali, todos se dariam conta. Onde tu estiveres, os outros vão irritar-se ou admirar-te, ou então vão parecer estar indiferentes, mas não poderão não reconhecer a tua ‘diversidade’”.

De que natureza é este testemunho? “O verdadeiro anúncio faz-se através daquilo que Cristo perturbou em nossas vidas, dá-se através da perturbação que Cristo realiza em nós: *nós tornamos Cristo presente por meio da mudança que Ele opera em nós. É o conceito de testemunho*” (L. Giussani, 19 de março de 1979; “1954. Cronaca di una nascita”. Notas de uma conversa com um grupo de jovens, In: *Un avvenimento di vita, cioè una storia*, Roma: EDIT-Il Sabato, 1993, p. 346).

Como vimos, este testemunho, longe de ser irrelevante e de mostrar o cristianismo como uma palhaçada e os cristãos como palhaços, desperta uma curiosidade, um interesse tal, que abre um diálogo totalmente inesperado, mesmo com pessoas aparentemente distantes. É assim que podemos responder ao convite feito nestes dias pelo Papa Francisco aos bispos americanos, que senti como dirigido a mim, a nós: “Bem sei que são numerosos os vossos desafios, muitas vezes é hostil o campo onde semeais, e não são poucas as tentações de fechar-se no recinto dos medos, a lenir as feridas, recordando um tempo que não volta e planificando respostas duras às resistências já ásperas. E, todavia, somos defensores da cultura do encontro. Somos sacramentos vivos do abraço entre a riqueza divina e a nossa pobreza. Somos testemunhas do abaixamento e condescendência de Deus que Se antecipa, no amor, à nossa primeira resposta. O diálogo é o nosso método, não por astuciosa estratégia, mas por fidelidade Àquele que nunca Se cansa de passar e repassar pelas praças dos homens até às cinco horas da tarde a fim de lhes propor o seu convite de amor (*Mt 20, 1-16*). [...] Não tenhais medo de efetuar o êxodo que é necessário em cada diálogo autêntico. Caso contrário, não é possível entender as razões do outro nem compreender profundamente que o irmão que devemos encontrar e resgatar, com a força e a proximidade do amor, conta mais do que as posições que, apesar de certezas autênticas, julgamos distantes das nossas. A linguagem dura e belicosa da divisão não fica bem nos lábios do pastor, não tem direito de cidadania no seu coração e, embora de momento pareça garantir uma aparente hegemonia, só o fascínio duradouro da bondade e do amor é que permanece verdadeiramente convincente” (*Discurso no encontro com os bispos dos Estados Unidos da América*, Catedral de São Mateus, Washington, D.C., 23 de setembro de 2015).